

## REPRESENTAÇÕES DE TRILHEIROS EM UM GEOPARQUE

Ms. EDUARDO RODRIGUES DA SILVA  
UNIVERSIDADE GAMA FILHO; PPGEF, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

Ms. SERGIO DE LIMA TRINCHÃO  
FACULDADE SÃO JUDAS TADEU/UNIVERSIDADE DA SAÚDE, RJ;

Dra. VERA LUCIA DE MENEZES COSTA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;

Dr. LAMARTINE PEREIRA DACOSTA  
UNIVERSIDADE GAMA FILHO; PPGEF, RJ.

[eduardorodrigues1@oi.com.br](mailto:eduardorodrigues1@oi.com.br)

### INTRODUÇÃO:

Este estudo tem por foco de investigação as responsabilidades ambientais representadas entre os trilheiros<sup>1</sup>, praticantes de *trekking*, de um Geoparque, que vem ser uma área protegida com limites bem definidos, que contém uma série de lugares do interesse geológico de especial importância científica, singularidade ou beleza, representativos da história geológica de determinada região e de eventos ou processos que os formaram. Essas áreas podem conter valores arqueológicos, ecológicos, históricos ou culturais. Escolhemos como local a ser investigado o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu (PNMNI), por ser o primeiro Geoparque do Estado do Rio de Janeiro e assim buscamos descrever e investigar através de depoimentos de 04 trilheiros, dessa unidade, suas responsabilidades ambientais com esse local, sabendo assim como esses o representam.

O meio ambiente resulta do convívio do homem com a natureza, que sofreu e ainda sofre transformações devido à ação humana. Em alguns locais essa realidade vem mudando e esse Geoparque vive a transformação, da terra, da água e do ar, ou seja, foi criado para o homem conviver com o meio ambiente, responsabilizar-se por ele e preservá-lo para a própria sobrevivência. O Geoparque retoma o interesse dos frequentadores pelo contato com a natureza, fazendo com que estes, entre eles os trilheiros, encontrem no meio natural do local de suas caminhadas, o prazer de desfrutar do lazer, da aventura, de desafios e das emoções, conduzindo-os a experiências de bem estar e qualidade de vida. (PINHEIRO, 2008).

Para conhecer a realidade e iniciar o estudo, dirigi-me para o PNMNI por mais de uma dezena de fins de semana de janeiro de 2010 a julho de 2010 para mergulhar nos caminhos de quem por lá se exercita. Ao deparar com o fato de que o *trekking* acontece com menor adesão dos frequentadores no Parque do que os passeios para cachoeiras e para busca de atividade física prazerosa junto à natureza, a minha intenção como pesquisador foi perceber o modo autônomo e independente com que vários desses caminhantes se dirigem às trilhas na montanha, praticando um dos tipos de *trekking* ali encontrados. Muitos deles, ao invés de adentrar ao Parque pela via principal e dar ciência aos administradores responsáveis pela segurança, e manutenção do espaço e por aqueles que o frequentam, partem para ações à revelia da ordem existente, escolhem vias alternativas sem o devido controle, transgredindo as normas explicitadas. Tais procedimentos chamam a atenção por poderem denotar além de aventura e risco procedimentos de transgressão à ordem estabelecida, o que pode trazer malefícios ao meio ambiente e à própria segurança do praticante e daqueles que frequentam esse Geoparque.

As restrições desse estão presentes nas placas: caçar e pescar, apanhar ou maltratar animais, apanhar plantas de qualquer espécie, entrar com animais domésticos ou qualquer outro, deixar lixo fora dos coletores, entrar nas trilhas sem autorização, montar acampamentos de qualquer espécie, depositar oferendas religiosas, danificar patrimônio natural ou construído.

---

<sup>1</sup> Aqueles que escolhem caminhar por lazer pelas trilhas de um Geoparque.

O Geoparque PNMNI se constitui de um campo de construção de cidadania sócio ambiental onde buscamos investigar como os trilheiros se apropriam dos caminhos e trilhas aí existentes e como o resignificam. As estratégias de produção de conhecimento utilizadas se deram na forma de quatro entrevistas-depoimentos individuais com trilheiros, participantes do estudo e a escrita de um diário de campo. Aqui reunimos os discursos socialmente disponíveis para dar sentido à experiência desses atores, suas relações com a atividade e com o meio ambiente, suas vidas. “Tomamos as falas como experiência no sentido do vivido que é pensado, que é narrado, de ação compartilhada, inscrevendo nela novos sentidos” (BALESTRIN, 2007. p. 10). Nossa intenção, com tais procedimentos é de explicitar interrogações para a questão da responsabilidade ambiental, as emoções, as subjetividades e para possíveis políticas e pedagogias para educação ambiental. Estamos no aprendizado de um movimento de busca de criação, que entrelace emoção, lazer, natureza, trabalho, subjetividades, rupturas, responsabilidades e valorização, o sentir/pensar desses sujeitos e suas implicações nas vivências neste parque.

As representações do Geoparque e as responsabilidades com o meio ambiente fazem parte de um rizoma material e imaterial, entrelaçados na complexidade da busca do lazer e da qualidade de vida junto à natureza, a satisfação pessoal aliada ao próprio contexto da vida, numa trama relacional atravessada pelos aspectos materiais, sociais, familiares, éticos e estéticos. Nesses discursos são encontradas outras vozes que retratam seus cotidianos. Para isso retiramos trechos dos relatos desses trilheiros onde observamos responsabilidades, subjetividades e ecologias.

“... a trilha, tudo certo, mata fechada e tranquilidade, ar puro, morro acima tudo certo. Lá na Pedra, nova parada, uma esticada de perna, sento e admiro o local. Ali observo, observo e fico feliz por existir isso aqui, aqui pertinho e tão diferente, bonito... O silêncio fala, risos, o barulho natural, pássaros cantam, bichos desconhecidos fazem os seus barulhos. Eu e a mata, um momento de reflexão esqueço tudo da minha realidade ... as contas, a mulher, risos, as brabas do dia a dia”(INFORMANTE 01).

“Costumo me programar para ir aos domingos, pelo menos dois por mês, saio de casa às 7h, tomo um café reforçado, levo frutas e bastante água na mochila. Saio de casa, moro no pé do lado contrário a entrada do parque. Antes de iniciar a trilha passo por mais de 10 poços (todos próprios para banho) lotados no verão, mas o que gosto é dos dias pouco procurados. Dando início a trilha do Pau Pereira, ela passa por trás do Poço das Cobras...” (INFORMANTE 03)

“...cara dei sorte no dia identifiquei uma cobra, qual? Nem sei, amarela, linda, espero ela cruzar a estrada – ela está no seu território, eu sou o intruso...” (INFORMANTE 01)

Nesse trecho o trilheiro manifesta sua consciência ecológica, explicitada com responsabilidade e pensamento, preservando o equilíbrio biótico ao admitir ser o intruso naquele ambiente e momento e assim respeitar o animal silvestre em seu território atravessando a trilha.

Para eles essas trilhas e caminhos são momentos de juntar-se à natureza e aproveitá-los como fuga de sua rotina diária:

“Vou falar exatamente como acontece, acordo cedo, olho o céu e feliz com o tempo parto para realizar minha aventura, juntar-me à natureza, subir o Parque e de lá reconquistar minhas forças e seguir minha vida” (INFORMANTE 01).

A subjetividade do ator em relação ao PNMNI é descrita em sua rotina de entrada:

“Minha namorada me leva de carro até a entrada do Parque e marco com ela para me buscar daqui a 05 horas, bom, mas é melhor umas 05 horas e meia (risos). Ela leva o carro e eu me identifico com os caras da portaria, aviso: - Aí vou sair pelo outro lado. Paro na estrada, alongo e

respiro um ar diferente, ar puro, começo minha jornada. É simples vou à Trilha da Contenda, entro pela portaria cruzo a Contenda e saio do outro lado lá no Tatu Gamela ou na faculdade”. (INFORMANTE 01)

Assim desenhamos outros olhares sobre o um mapeamento simbólico do Geoparque, como são produzidos as imagens dos caminhos, das trilhas, como são viabilizados e como são visibilizados os processos da subjetividade desses atores, além de possíveis impactos ambientais causados por eles.

Podemos afirmar que os discursos desses atores no contexto sócio ambiental do Geoparque em questão estruturam representações contribuindo para o desenvolvimento positivo desse e possibilitando a construção de forma positiva de exercício ECOSÓFICO, que Guattari (1990) especifica ser uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos (o meio ambiente, relações sociais e o da subjetividade humana), naquele espaço junto à natureza. Os encontros produzidos entre os trilheiros e natureza e os movimentos construídos por esses sujeitos no cenário do Geoparque implicam em troca de afetos num território aberto a conexões com a natureza e com o ambiente levando a interpretar que esse modo de agir no Geoparque torna-se um dispositivo de motivação. É como se eles estivessem vivenciando mais do que o Geoparque, vivenciando formas de vida, suas subjetividades. A subjetividade humana entrelaçada ao socioambiental articula novas práticas ecológicas, o trilheiro contempla, reequilibra, responsabiliza-se, valoriza e se preocupa em manter o ambiente em harmonia.

Esses trilheiros representam sua atividade ao longo das trilhas também como reenergização de seus corpos para reintegrarem-se em sua natureza e prosseguir no dia a dia:

“Penso logo no som dos pássaros, nas águas límpidas e geladas que brotam das entranhas desse lugar que pra mim é mágico e não encontro outra solução: fugir, nem que seja por algumas horas, dessa “selva de pedra” pra revigorar as energias em um contato direto com a natureza...” (INFORMANTE 02).

“Finalizamos nossa breve aventura com um revigorante banho de cachoeira e retornamos para nossas humildes vidas levando na bagagem imagens, cheiros e sensações que como drogas, inundam de prazer nossas mentes nos tornando cada vez mais dependentes. Se você fica muito tempo sem experimentar estas sensações, o estresse se manifestará e você perceberá que está na hora de se embrenhar no mato” (INFORMANTE 02).

As condutas e hábitos desses trilheiros, relacionados aos impactos ambientais e seus efeitos nas áreas traduzem suas posturas de percepções do ambiente, de amorosidade à natureza e de suas responsabilidades. As falas adiante nos conduzem a essa compreensão:

“Estávamos com sorte. Fomos premiados com a presença de diversos animais que compõem a fauna local. Presenciamos a leveza de esquilos, micos e de diferentes pássaros se movimentando por entre a rica vegetação da floresta. Presenciamos ainda insetos de diversas cores, formas e tamanhos. Fomos privilegiados com a exibição da bela caninana, uma serpente preta e amarela de aproximadamente dois metros de comprimento que sutilmente deslizava sobre as pedras de uma das cachoeiras que encontramos pelo caminho”. (INFORMANTE 02).

Ao presenciar os habitantes locais o respeito em somente observá-los o conhecimento de saber que esses seres são parte da fauna desse Geoparque e ainda a admiração diante “caminhar” de uma cobra mostram a responsabilidade para com o equilíbrio do ambiente. Ver, ouvir, cheirar, escutar, sentir, preservar, integrar-se são sensações e sentimentos que encaminham esses trilheiros.

“...ao entrar na trilha apertada já em subida deparo com as frutas não resisto, colho mais de 10 limões enormes no chão, mas não pego direto

no limoeiro, aqueles são suficientes, os do limoeiro ficam para aqueles que passarem depois, cara aproveito a mata fechada...” (INFORMANTE 01).

“...sozinha o silêncio humano é minha companhia, maravilhoso, penso na vida e curto os sons da natureza...” (INFORMANTE 03).

A destruição da floresta pelas queimadas é um fator presente também em Geoparques, segundo reportagem do caderno Ciência do Jornal O Globo de 02 de Setembro de 2010 queimadas ainda são responsáveis por 75% das emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), como já relatado nessa pesquisa, um dos principais gases do efeito estufa, efeito esse presente no relato de um de nossos trilheiros:

“as queimadas mostram a cara, também uma semana sem chuva o ar seco assim qualquer foco fica imenso”. (INFORMANTE 04).

Um exemplo de ação educativa obtivemos de um dos trilheiros entrevistados que nos beneficiou com imagens de uma de suas incursões no Geoparque com seus alunos de Escola Municipal realizando uma tarefa com os mesmos. Além de enfatizar conhecimento aos discentes sobre as trilhas, como se comportar em tal, como preservá-las, as opções de lazer presentes no Geoparque, a responsabilidade de comunicação da entrada aos administradores e a confirmação de saída após a chegada no ponto de destino (do lado contrário ao local de administração do local). Essa atuação do trilheiro – profissional de Educação Física, resgata o sentirpensar, desenvolvendo uma prática educativa baseada em processos auto-eco-organizadores (CAVALCANTI, 2010; MORAES, 2010), uma cultura vivencial no meio ambiente e de respeito à natureza, pois são as interações com o meio, suas trocas e intercâmbios, que segundo Moraes (2010) acionam as mudanças estruturais internas e externas, selecionando aquelas que forem pertinentes ao que foi vivenciado. Fazê-lo num ambiente que propicia a incerteza, a imprevisibilidade, o indeterminismo favorece a experiência de uma educação transdisciplinar que visa à inteireza do ser e de responsabilidade da juventude para com o planeta. Trata-se de uma transdisciplinaridade vivida no processo de construção do conhecimento por meio de ações cotidianas, convivência social, com a natureza e consigo mesmo.

Trilhas e caminhos são meios de acesso ao nosso Geoparque em questão, o PNMNI, o que oferecem oportunidades do contato com a natureza local, áreas de Mata Atlântica preservada e também áreas hoje marcadas pelo desmatamento de outrora até a chegada na área preservada e tão valorizada para banhos nos poços e trilhas que hoje marcam um contexto de luta pela sua preservação, a modificação deve ser contida, algumas modalidades esportivas ali presentes tiveram sua ação detectada, como por exemplo, a estrada aberta para os praticantes de voo livre chegarem ao local das rampas com seu equipamento, entretanto, em atividades lúdicas de esporte ou lazer essa ação para prática também altera o ambiente natural.

### **CONCLUSÃO:**

Os trilheiros que caracterizam um Geoparque como um local de frequência devem respeitá-lo para mantê-lo sustentável e assim minimizar seus impactos ao adentrar as trilhas, tendo consciência que esses impactos no ambiente irão existir se faz importante enfatizar um trecho da introdução do capítulo 13 da Agenda 21 citada por Pinheiro (2008, p.30) “as montanhas são uma fonte importante de água, energia e diversidade biológica. Além do mais são fontes de recursos vitais como os minerais, produtos florestais, agrícolas e meios de separação. Por ser um ecossistema importante em que esta representada por uma ecologia complexa e interdependente no planeta, o meio montanhoso é essencial para sobrevivência do ecossistema mundial”. Assim caracterizamos e buscamos reconstruir um Geoparque, o PNMNI, sob o olhar desses trilheiros-freqüentadores. A metodologia adotada nos possibilita ultrapassar a dimensão física e torna o parque marcado por novas racionalidades e afetos dos seus usuários, a poetização de sua funcionalidade, subjetivadas por noções biocêntricas.

**PALAVRAS CHAVES:** TRILHEIROS – GEOPARQUE – MEIO AMBIENTE.

**REFERENCIAS:**

BALESTRIN, Viviane Giusti. Cartografias do consumo e da subjetividade contemporânea. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós graduação em Psicologia) PUCRS, Porto Alegre, 2007.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. Pedagogia vivencial humanescente: para sentipensar os sete saberes na educação. 1 ed. Editora CRV. Curitiba, 2010.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: editora Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

PINHEIRO, Luiz Carlos Miguelotte. Impactos ambientais das atividades esportivas em montanha – percepção dos praticantes. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciência da Motricidade Humana - Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2008.

O GLOBO, caderno Ciência do Jornal O Globo de 02 de Setembro de 2010.

**ENDEREÇO COMPLETO:**

Eduardo Rodrigues da Silva

Rua Leopoldo Goulart, nº 097.

Bairro: Califórnia

Nova Iguaçu – RJ

CEP: 26220-580

e-mail: [eduardorodrigues1@oi.com.br](mailto:eduardorodrigues1@oi.com.br)

Tels. (21) 27682346 / 87460465.